



III SEMINÁRIO

MATUSALÉM ALVES OLIVEIRA
A FILOSOFIA DAS ORIGENS

28 a 30 de julho de 2006
Rio de Janeiro - RJ

A PRÉ-HISTÓRIA NA PERSPECTIVA CRIACIONISTA!

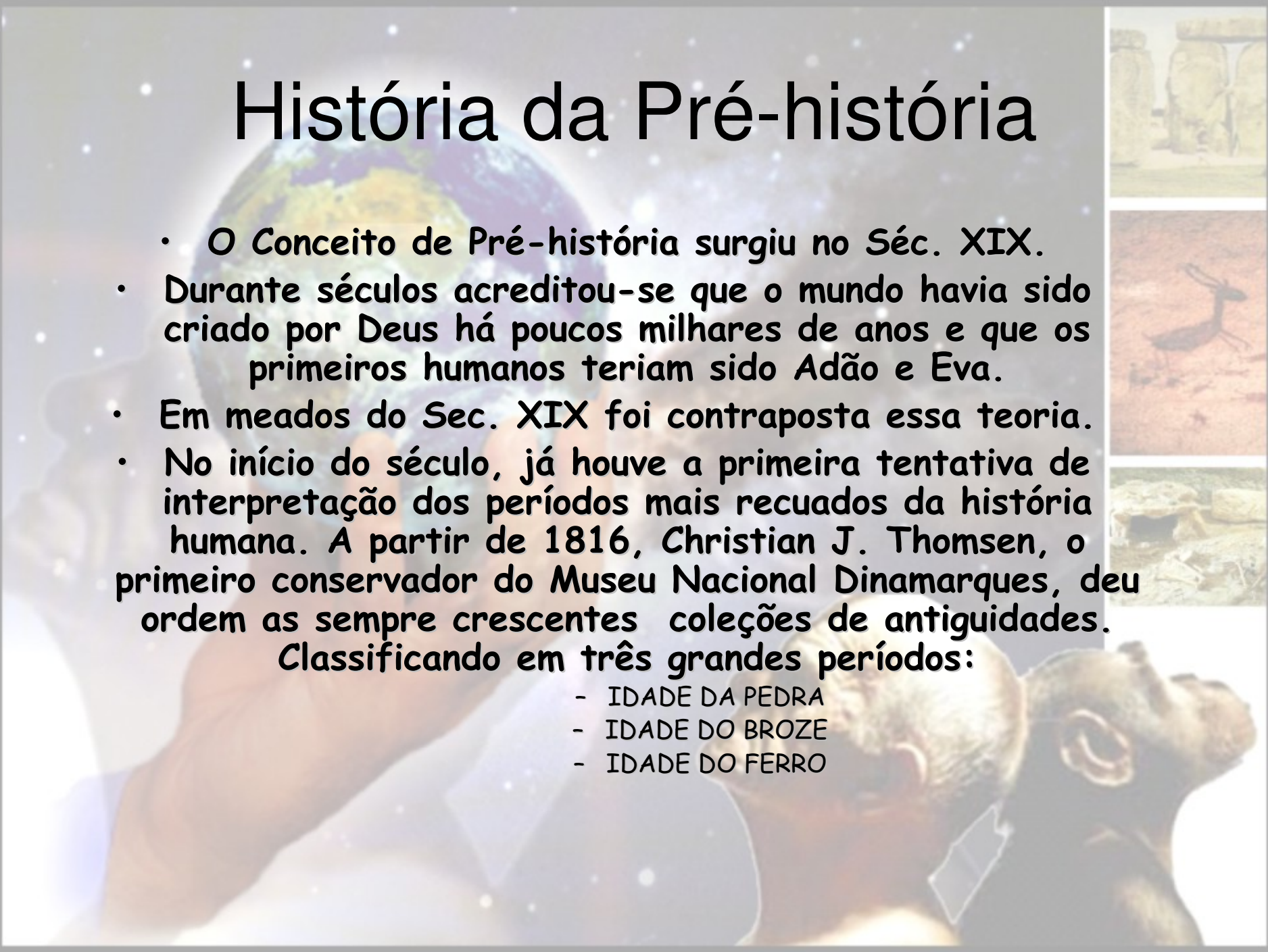
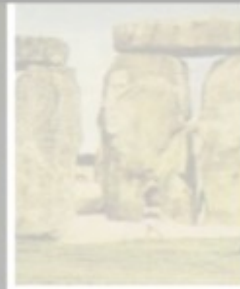


História da Pré-história

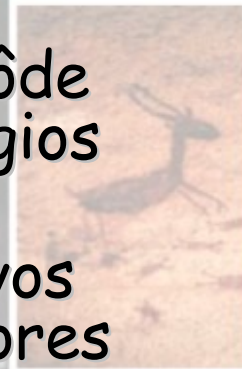
- O Conceito de Pré-história surgiu no Séc. XIX.
- Durante séculos acreditou-se que o mundo havia sido criado por Deus há poucos milhares de anos e que os primeiros humanos teriam sido Adão e Eva.
- Em meados do Sec. XIX foi contraposta essa teoria.
- No início do século, já houve a primeira tentativa de interpretação dos períodos mais recuados da história humana. A partir de 1816, Christian J. Thomsen, o primeiro conservador do Museu Nacional Dinamarques, deu ordem as sempre crescentes coleções de antiguidades.

Classificando em três grandes períodos:

- IDADE DA PEDRA
- IDADE DO BROZE
- IDADE DO FERRO



- Com a Teoria do Evolucionismo, havia, uma verdadeira Revolução no entendimento da questão das origens do homens.
- Apenas com essa revolução no conhecimento pôde surgir o interesse e o estudo dos antigos vestígios humanos.
- Na Europa, o estudo dos antepassados dos povos europeus já existia por meio da leitura dos autores gregos e romanos que a eles se referiam.
- Os Germanos haviam sido citados pelos gregos e, mais extensamente, pelos romanos - como na obra clássica *Germânia*, do historiador romano Tácito.
- No século XIX que surgiu o conceito de História como uma ciência voltada para o estudo do passado a partir dos documentos escritos. Definindo que a História se faz com documentos escritos, convencionou-se que a invenção da escrita seria o início da História.



E o passado mais distante?

Como defini-lo?

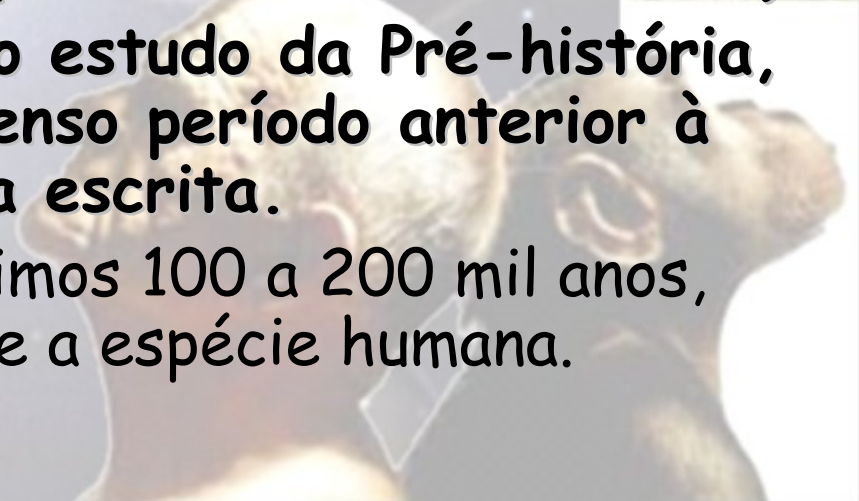
Como o evolucionismo, começou a aceitar a idéia de que haveria restos muito mais antigos associados ao homem.

Em 1856, no Vale do rio Neander, perto de Düsseldorf, nas Alemanha, encontrou-se a calota craniana de um homem primitivo, que ficou conhecido como o "Homem Neandertal".

Em 1865, surgiram os termos Paleolítico (Idade da Pedra Antiga) e Neolítico (Idade da Pedra Recente)

Abriram-se, as portas para o estudo da Pré-história, definida como todo o imenso período anterior à invenção da escrita.

A Pré-história trata dos últimos 100 a 200 mil anos, período em que existe a espécie humana.



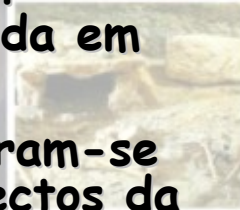
Como se pode conhecer a Pré-história?

Em primeiro lugar, é necessário refletir sobre quais são as nossas fontes de informações e quais as evidências que possuímos.

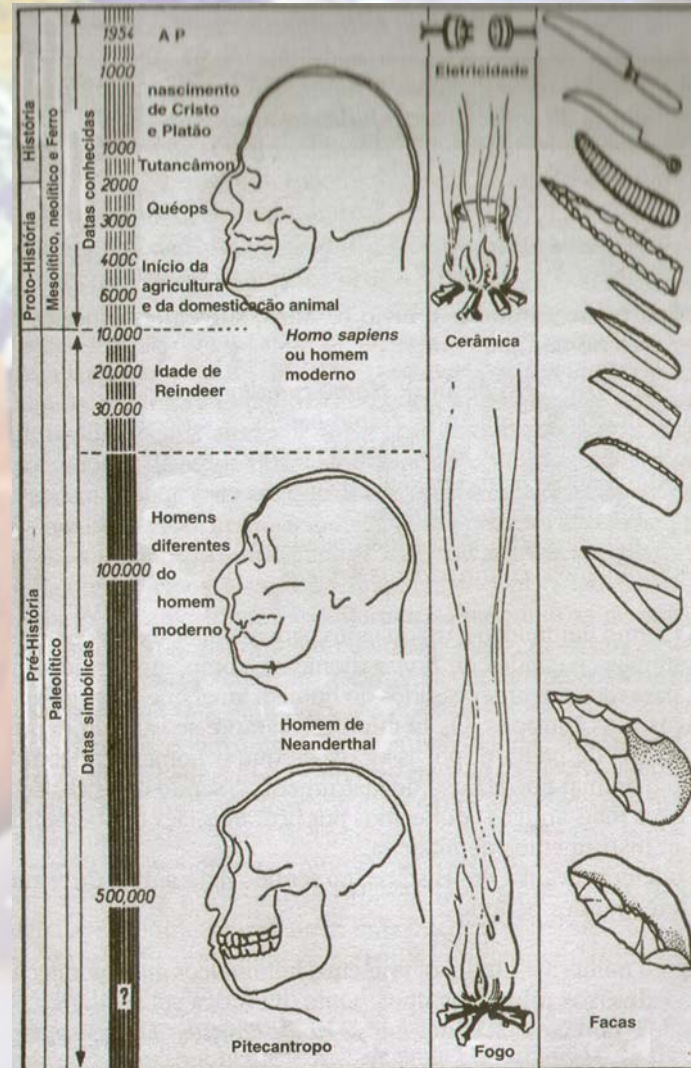
A principal maneira de ter acesso ao passado pré-histórico é o estudo dos vestígios materiais que chegaram até nós.

Os vestígios materiais associados aos homens são estudados pela Arqueologia, uma ciência voltada, ao estudo material ligado a vida em sociedade.

- Por meio de prospecções e escavações arqueológicas, recuperam-se vestígios que podem nos informar sobre os mais variados aspectos da vida no passado - artefatos feitos de pedra (líticos), ferramentas usadas para as mais variadas tarefas, nos informa sobre a caça, a pesca, a agricultura e a tecnologia para transformar materiais brutos em bens manufaturados, para construir habitações ou remodelar terrenos onde eram instaladas aldeias e cidades.
- Esculturas feitas em pedras - pequenas representações de animais e seres humanos - chamadas de *zoólitos*, objetos que não eram apenas funcionais, mas possuíam um papel simbólico ou artístico e que podem nos dizer algo sobre os valores e gostos de um grupo que viveu no passado e os produziu.



Esquema de desenvolvimento técnico e biológicos do homem moderno



- Outro material que se preserva muito bem e constitui uma das principais fontes de informação sobre o homem pré-histórico é a cerâmica, os artefatos feitos de barro cozido. *A Cerâmica pode nos informar como as pessoas armazenavam produtos ou como comiam, mas, em alguns casos, a forma e a decoração também nos dar indicações a respeito da simbologia e dos valores sociais adotados.*

- As pinturas e gravuras, feitas nas paredes de cavernas ou em outras pedras, conhecidas como rupestres.
- Artefatos feitos pelo homem com ossos de animais, madeira ou outros materiais mais perecíveis.



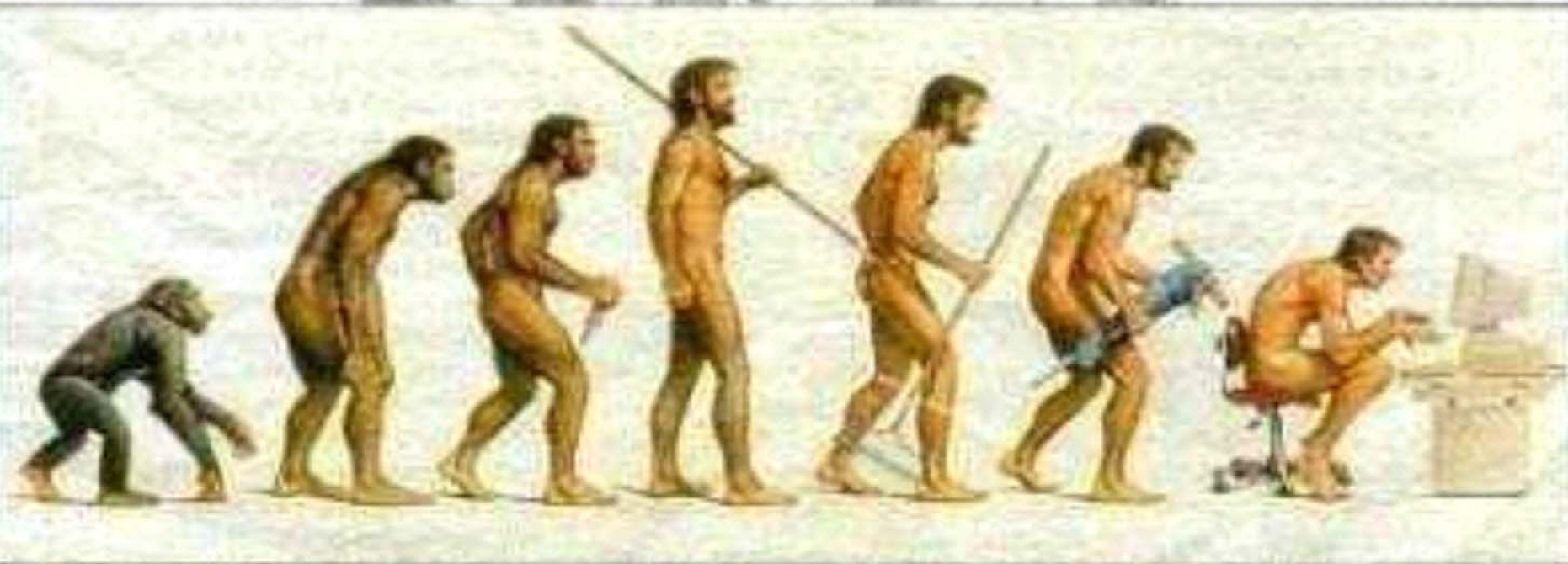
O Conjunto dessas informações resultantes de artefatos produzidos ou simplesmente utilizados pelo homem, bem como os locais que transformavam para habitar, é considerado a sua

"Cultura Material"

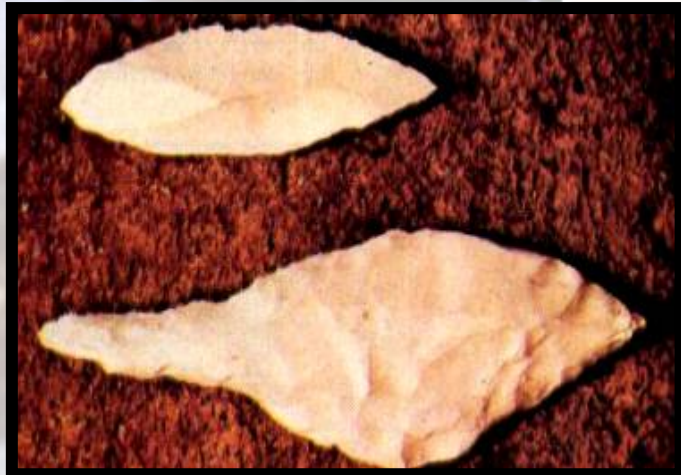
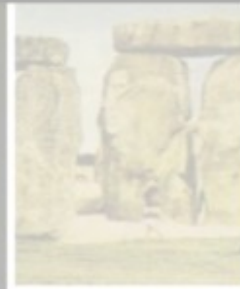
- Restos de esqueletos humanos, que podem ser estudados por meio de diversas técnicas e abordagens - a partir da análise desses restos pode-se descobrir quais doenças afetaram um indivíduo específico, com que idade morreu, quais as suas características morfológicas (altura e estatura).
- A Planta de uma aldeia Pré-histórica - áreas de atividade onde eram realizadas as tarefas mais diversas, como cozinhar, elaborar artefatos e bens diversos, estocar objetos e alimentos, etc.
- Comparação entre grupos étnicos - analogia etnográfica.



EVOLUTION



AS FASES DA PRÉ-HISTÓRIA



B) O Neolítico ou Pedra Polida (10 mil - 4 mil a.C.):

Fabricação de artefatos mais cortantes (polimento);

REVOLUÇÃO NEOLÍTICA - desenvolvimento da agricultura;

Desenvolvimento do pastoreio;

Sedentarização (margens dos rios);

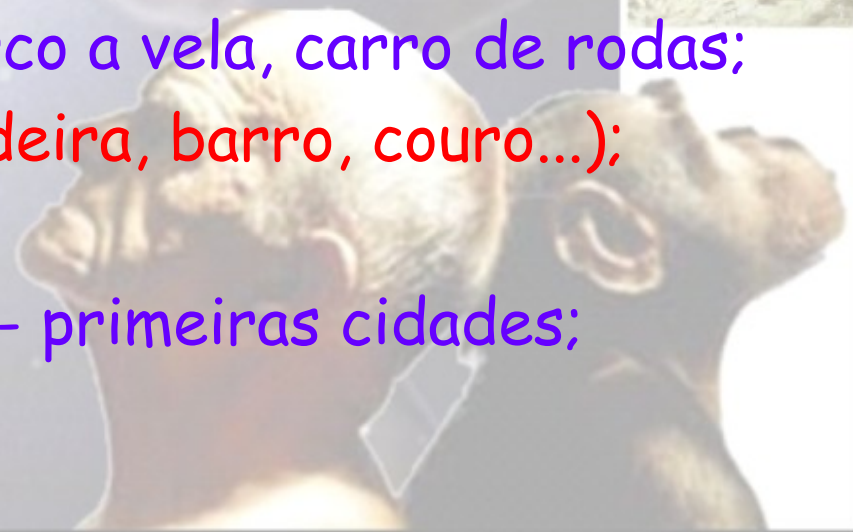
Produção de excedentes;


Aumento da população e da média de vida;

Cerâmicas, arado de bois, barco a vela, carro de rodas;

Construção de casas (madeira, barro, couro...);

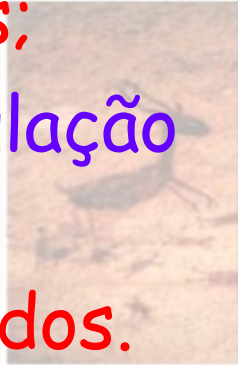
REVOLUÇÃO URBANA - primeiras cidades;





Hierarquização social:
Guerreiros (exército) - dominantes;
Sacerdotes (intermediários entre população
e os deuses) - dominantes;
Camponeses (trabalhadores) - dominados.
Centralização do poder - ESTADO:

Rei ou Imperador = sacerdote + chefe militar



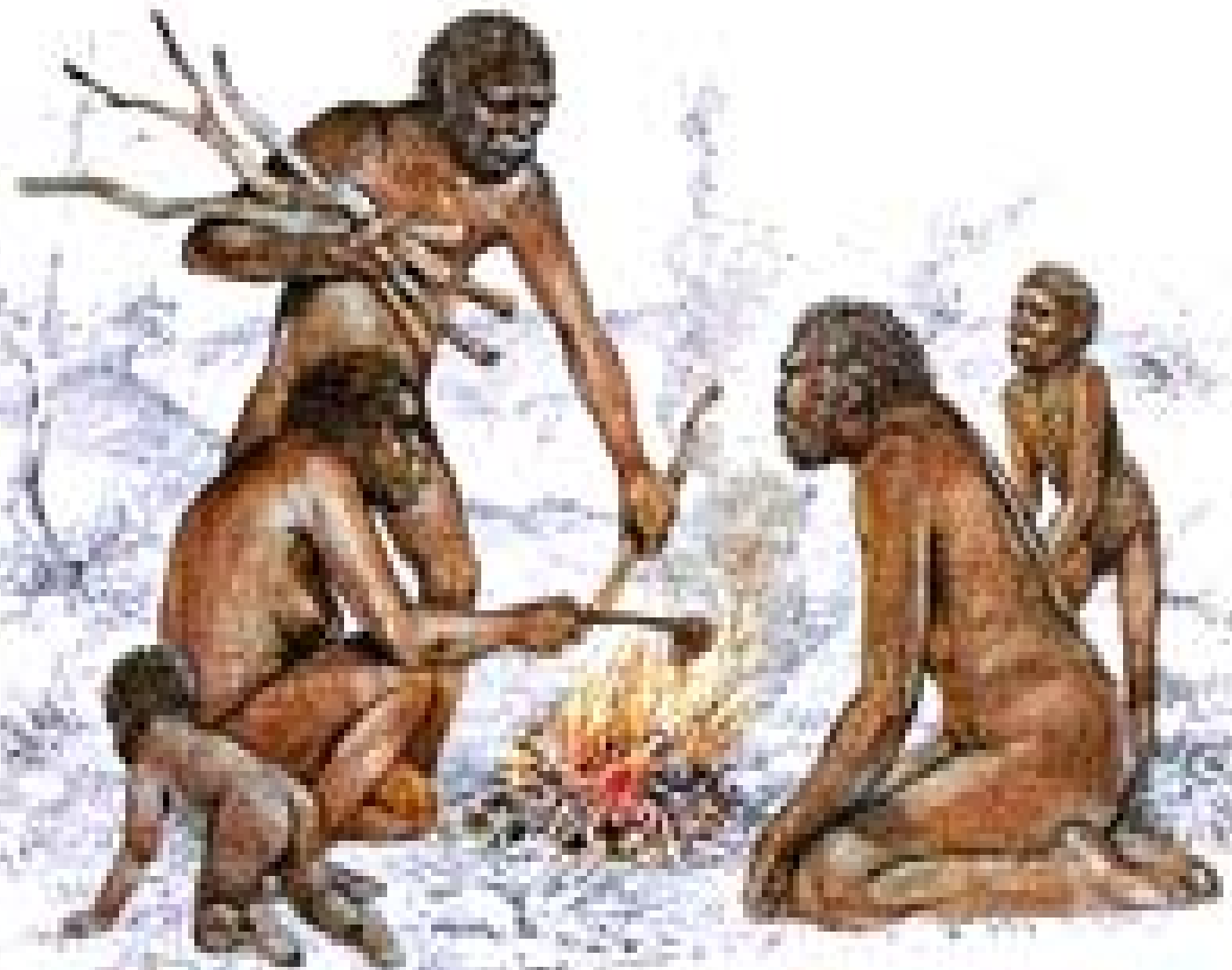
C) A Idade dos Metais (4500 a.C – 2500 a.C.):

Cobre;

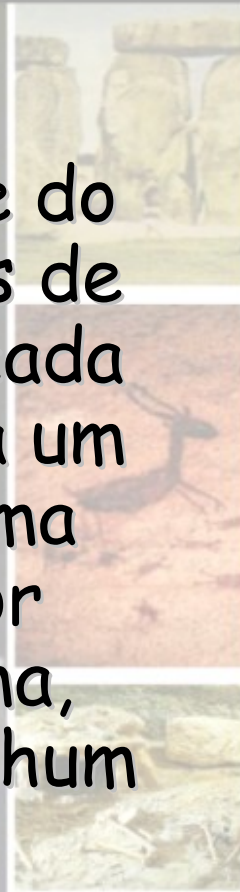
Bronze (cobre + estanho);

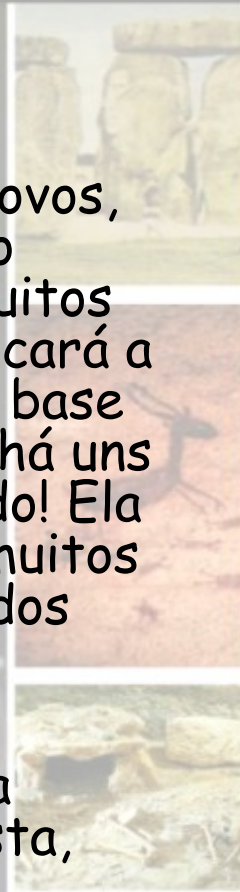
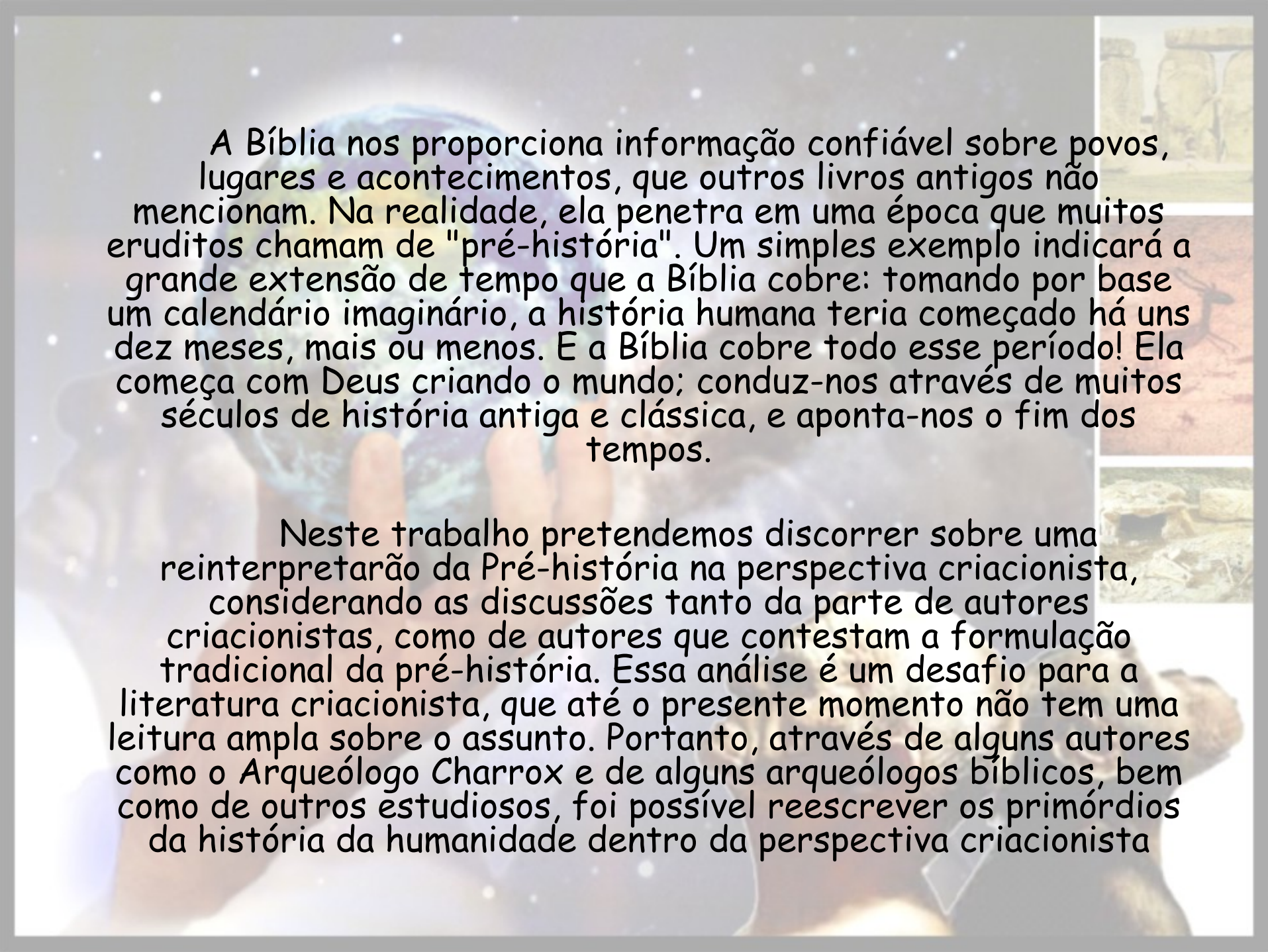
Ferro.





Desejo, inicialmente, preparar a mente do leitor para a relação entre os dois gêneros de história. Existem, dois campos distintos, cada qual com seu escopo e cada qual servindo a um determinado fim. Porém, há entre eles uma completude, uma harmonia. O historiador imparcial não desprezará evidência alguma, venha de onde vier. Podemos dizer que nenhum historiador negligenciará um fato simplesmente porque ele se encontra registrado na Bíblia. Isso pertenceu aos tempos da ausência de conhecimento da história antiga.





A Bíblia nos proporciona informação confiável sobre povos, lugares e acontecimentos, que outros livros antigos não mencionam. Na realidade, ela penetra em uma época que muitos eruditos chamam de "pré-história". Um simples exemplo indicará a grande extensão de tempo que a Bíblia cobre: tomando por base um calendário imaginário, a história humana teria começado há uns dez meses, mais ou menos. E a Bíblia cobre todo esse período! Ela começa com Deus criando o mundo; conduz-nos através de muitos séculos de história antiga e clássica, e aponta-nos o fim dos tempos.

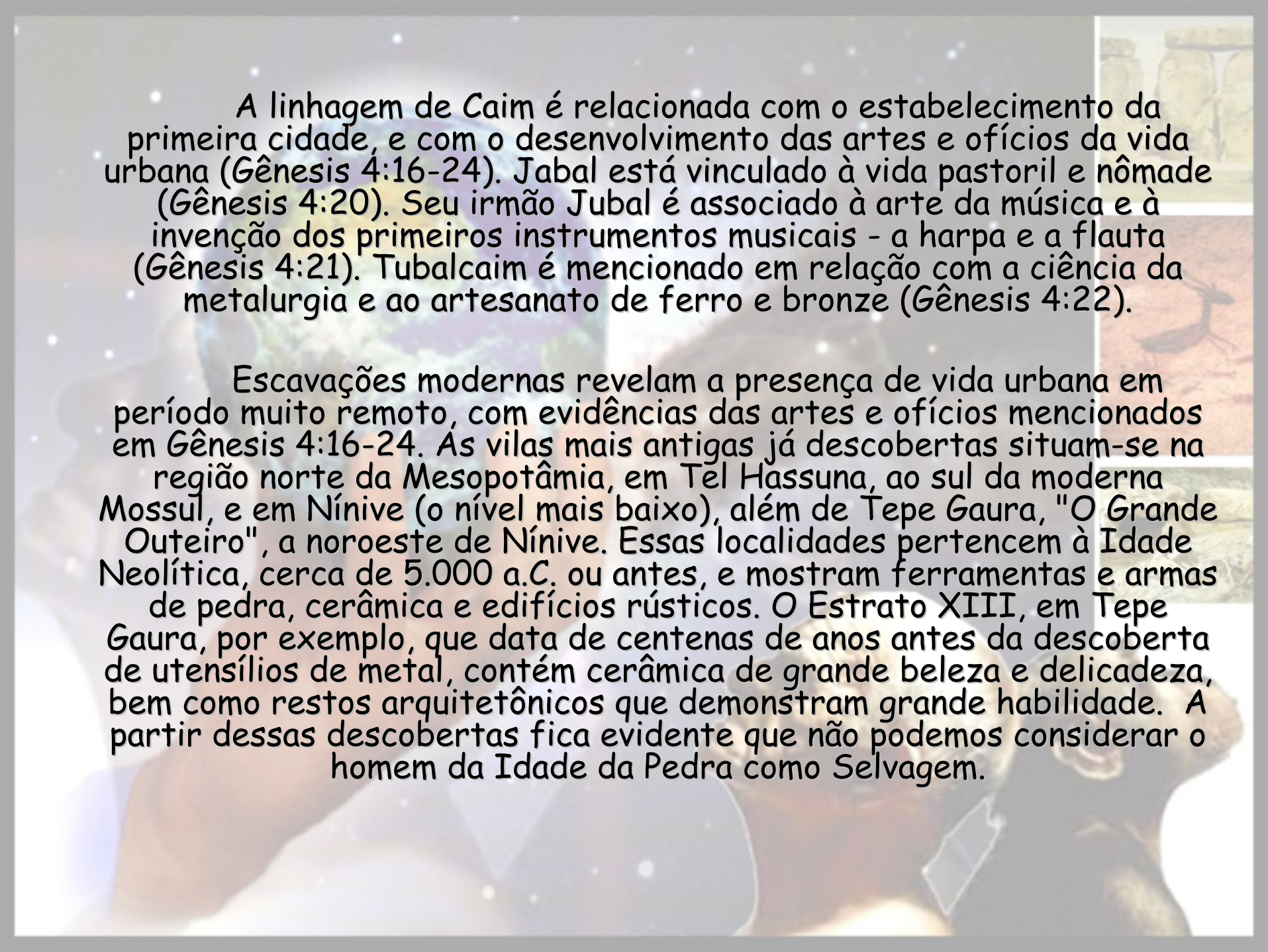
Neste trabalho pretendemos discorrer sobre uma reinterpretação da Pré-história na perspectiva criacionista, considerando as discussões tanto da parte de autores criacionistas, como de autores que contestam a formulação tradicional da pré-história. Essa análise é um desafio para a literatura criacionista, que até o presente momento não tem uma leitura ampla sobre o assunto. Portanto, através de alguns autores como o Arqueólogo Charrox e de alguns arqueólogos bíblicos, bem como de outros estudiosos, foi possível reescrever os primórdios da história da humanidade dentro da perspectiva criacionista

AS MODERNAS ESCAVAÇÕES E A CIVILIZAÇÃO PRIMITIVA

A Bíblia liga o começo da civilização humana com Caim e Abel. Embora um bom paralelo entre a história bíblica e os monumentos esteja ainda faltando, contínuas escavações na Mesopotâmia e a publicação de antigas tábuas, especialmente os registros dos antigos sumérios, revelará, sem dúvida, pontos de contato elucidativos.

O homem, por precisar tomar-se desde bem cedo um produtor de alimentos, começou a controlar a natureza pelo amanho da terra e criação de gado. Ambas as atividades são intimamente relacionadas e são indubitável e praticamente coesas no seu desenvolvimento. Enquanto alguns grupos humanos começaram a cultivar o solo, outros domesticavam animais.

Esta opinião, à luz do quarto capítulo do Gênesis, parece preferível à de que o cultivo do solo é anterior à criação de gado. "Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador" (Gênesis 4:2). É possível que o fazendeiro Caim fosse bem mais velho do que o pastor Abel, e se for assim, a agricultura deve ter precedido a pecuária. Contudo, é melhor pensarmos que essas atividades se desenvolveram lado a lado. Os homens estavam cultivando cevada e trigo, ao mesmo tempo em que começaram a domesticar os animais.

The background of the slide features a faint, semi-transparent image of a globe on the left side. On the right side, there are several small, rectangular inset images showing ancient artifacts, including what appears to be a stone tablet with inscriptions and a small figurine or object. The overall background has a soft, light-colored glow with some subtle patterns.

A linhagem de Caim é relacionada com o estabelecimento da primeira cidade, e com o desenvolvimento das artes e ofícios da vida urbana (Gênesis 4:16-24). Jabal está vinculado à vida pastoril e nômade (Gênesis 4:20). Seu irmão Jubal é associado à arte da música e à invenção dos primeiros instrumentos musicais - a harpa e a flauta (Gênesis 4:21). Tubalcaim é mencionado em relação com a ciência da metalurgia e ao artesanato de ferro e bronze (Gênesis 4:22).

Escavações modernas revelam a presença de vida urbana em período muito remoto, com evidências das artes e ofícios mencionados em Gênesis 4:16-24. As vilas mais antigas já descobertas situam-se na região norte da Mesopotâmia, em Tel Hassuna, ao sul da moderna Mossul, e em Nínive (o nível mais baixo), além de Tepe Gaura, "O Grande Outeiro", a noroeste de Nínive. Essas localidades pertencem à Idade Neolítica, cerca de 5.000 a.C. ou antes, e mostram ferramentas e armas de pedra, cerâmica e edifícios rústicos. O Estrato XIII, em Tepe Gaura, por exemplo, que data de centenas de anos antes da descoberta de utensílios de metal, contém cerâmica de grande beleza e delicadeza, bem como restos arquitetônicos que demonstram grande habilidade. A partir dessas descobertas fica evidente que não podemos considerar o homem da Idade da Pedra como Selvagem.

Perto de 4.500 a.C., o cobre começou a ser usado juntamente com a pedra e, cerca de 3.000 a.C., tornou-se o material principal para a manufatura de ferramentas e armas. A esta Idade Calcolítica, ou de "pedra e cobre", pertencem lugares como Tel Halaf, ao noroeste da Mesopotâmia, onde um majestoso tipo de cerâmica foi descoberto, demonstrando elevado grau de civilização por volta de 4.000 a.C. ou antes. Restos da mesma cultura têm sido encontrados também no Tel Chagar Bazar, a 80 quilômetros ao leste do Tel Halafe, e o Tel Arpachia, a 275 quilômetros a oeste.

O Tel Obeide, a pequena distância a noroeste de Ur, revela a mais antiga cultura claramente definida, na Babilônia inferior, mostrando que cerca de 4.000 a.C. as terras pantanosas da região do baixo Tigre-Eufrates estavam sendo drenadas e ocupadas. A cultura do Tel Obeide antecede quase todas as antigas cidades da região, como Ur, Ereque, Lagás e Eridu, e parece estar ligada à civilização contemporânea do Planalto Iraniano ao leste de Susa (Ela), um dos mais antigos centros de civilização.

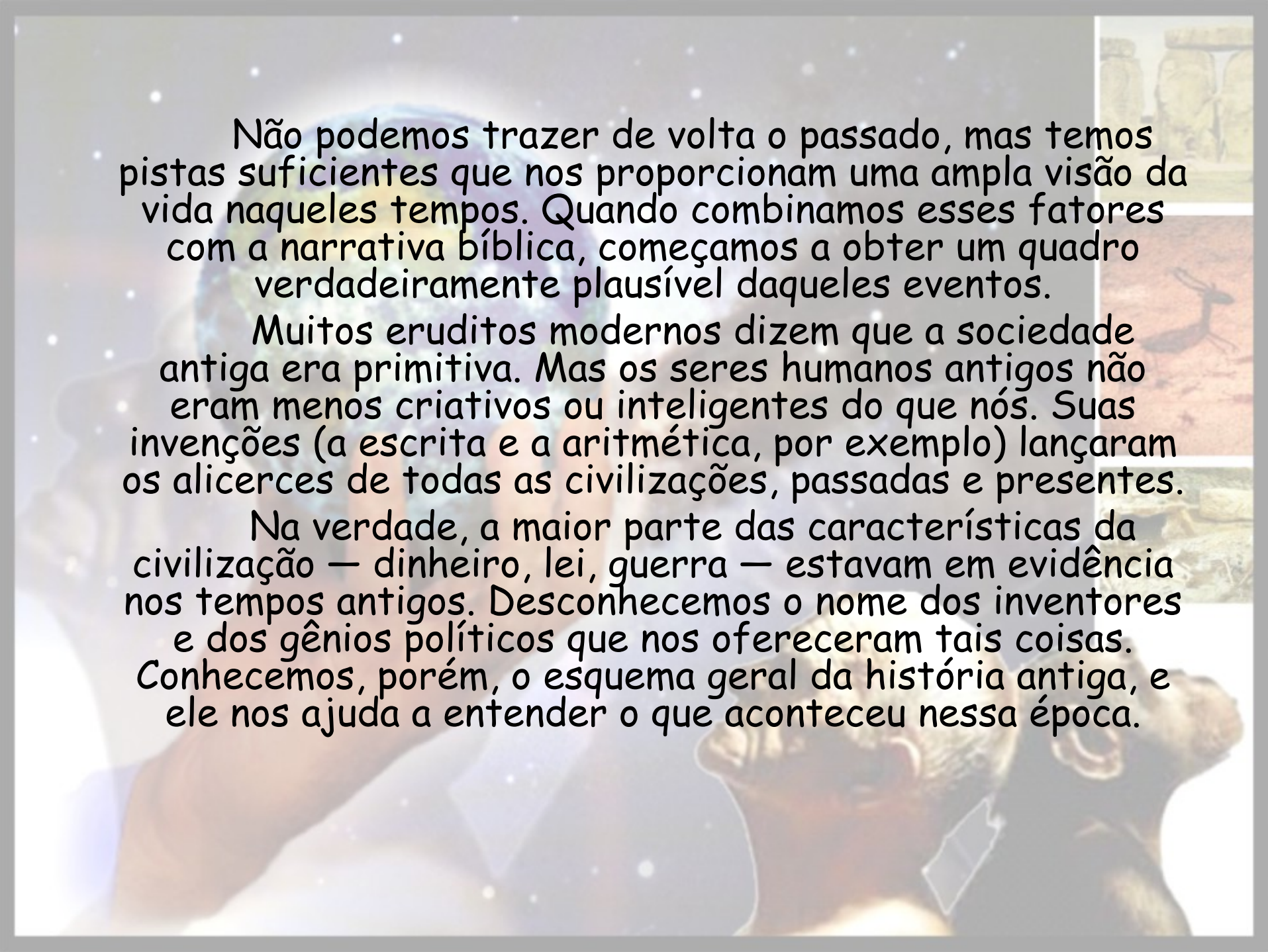
Se a civilização camita se originou ao norte ou ao leste (Elão) e se espalhou para o norte e para o leste, é incerto. Mas os resultados das escavações modernas elucidam a sucessão das culturas primitivas na época-pré-histórica, e a representação bíblica do progresso das artes e dos ofícios é bem sustentada pela arqueologia.

A roda do oleiro, o barco de pesca com velas, veículos de roda, produção e uso de cobre e bronze, tijolos e selos cilíndricos, estão entre as descobertas do homem, como tem sido revelado pela escavação dos lugares mais antigos.

Impérios de ferro eram fundidos ocasionalmente na Mesopotâmia em data muito remota. Henri Frankfort, em escavações no Tel Asmar (antiga Esnuna), descobriu evidências de uma lâmina de ferro, em um nível que datava de cerca de 2.700 a.C.

Outros objetos de ferro têm sido encontrados também, tais como o pequeno machado de ferro em Ur. A descoberta do ferro, por alguma razão, não foi utilizada persistentemente e não foi usada de modo generalizado, em escala industrial, até depois de 1.200 a.C.

O período de 1.200 - 300 a.C. é conhecido na arqueologia como a Idade do Ferro. Mas as escavações indicam algum conhecimento de metais em tempos mais remotos, como o indica Gênesis 4:22.

The background features a hand holding a glowing blue and white orb on the left, and a classical bust of a man's head on the right. The text is overlaid on this background.

Não podemos trazer de volta o passado, mas temos pistas suficientes que nos proporcionam uma ampla visão da vida naqueles tempos. Quando combinamos esses fatores com a narrativa bíblica, começamos a obter um quadro verdadeiramente plausível daqueles eventos.

Muitos eruditos modernos dizem que a sociedade antiga era primitiva. Mas os seres humanos antigos não eram menos criativos ou inteligentes do que nós. Suas invenções (a escrita e a aritmética, por exemplo) lançaram os alicerces de todas as civilizações, passadas e presentes.

Na verdade, a maior parte das características da civilização — dinheiro, lei, guerra — estavam em evidência nos tempos antigos. Desconhecemos o nome dos inventores e dos gênios políticos que nos ofereceram tais coisas. Conhecemos, porém, o esquema geral da história antiga, e ele nos ajuda a entender o que aconteceu nessa época.

A Paleoantropologia, ciência relativamente nova, explica-nos como era o homem primitivo, quais eram os seus contornos cranianos, qual era a sua ocupação. Muito do pouco do que conhecemos neste maravilhoso campo devemos a esta notável ciência. Com seus estudos dos fósseis, das medidas cranianas, torácicas e outras, conta-nos ela se o homem era mesmo como a Bíblia e a religião ensinam, ou se era um misto de homem e de macaco.

Os chamados fósseis, de que tanto se têm ocupado os cientistas e por meio dos quais se pretendia estabelecer um elo entre os símios e os antropóides, vão pertencendo a uma era passada e morta. O "homem de Piltdown", o homem de Java, do Dr. Dubois, "o homem de Pequim" e tantos outros "homens" das camadas geológicas já não atormentam os estudantes, e os professores universitários têm outros assuntos, mais interessantes, para apresentar aos seus alunos.

Há algum tempo atrás, quando a teoria da evolução dominava e parecia mesmo que destruiria as idéias e conceitos da Bíblia, nas Universidades ouviam-se discursos demorados para provar que um dente encontrado nas escavações de certo estado era do pré-homem - não do homem das cavernas, mas do intermediário entre o macaco e o homem. Anos depois, verificaram os antropologistas que se tratava de dente de porco-do-mato e que teria havido ali um cemitério usado pelos índios "peles vermelhas". Como esta balela, tantas outras, que enchem bibliotecas.

Através de pesquisas arqueológicas e paleoantropológicas, torna-se cada vez mais claro o campo de observações do homem e do seu mundo - e nós vamos ficando mais cientes de que, quaisquer que tivessem sido as condições do homem primitivo, se morando numa caverna ou numa palhoça fluvial, era o homem, como a Bíblia no-lo apresenta.

Os fósseis, pois, foram obrigados a dar a sua identidade, e a conclusão a que estas ciências chegaram é de que há uma profunda analogia, para não dizermos harmonia, entre os ensinamentos da Bíblia e os da ciência. Alegavam os sábios que Moisés não poderia ter escrito tais coisas, porque no seu tempo nem a escrita tinha sido inventada e que, portanto, a Bíblia, com a sua cosmogonia, não merecia maior atenção.

Hoje sabe-se que Moisés sabia escrever, e até se afirma que ele foi o inventor do alfabeto, o que por tantos anos foi creditado aos fenícios. Podemos assegurar que os fenícios receberam o alfabeto dos midianitas, onde Moisés morou por 40 anos, e que os primeiros traços de alfabeto encontram-se nas ruínas do templo de Serabite, no Monte Sinai.

Os que se apressaram a desdizer ou desacreditar toda a história de Gênesis foram obrigados a rever as suas conclusões, e hoje, graças aos estudos da Arqueologia, o que era julgado impossível tornou-se realidade. As cosmogonias caldaica, chinesa, egípcia, assíria, grega etc. têm a mesma natural origem da cosmogonia mosaica, com a diferença de que Moisés recebeu a sua doutrina de uma fonte pura, enquanto os escritores pré-históricos a receberam tradicionalmente e por vias indiretas. Assim mesmo, qualquer estudante paciente poderá averiguar que as semelhanças são tão flagrantes, que não podem deixar de denunciar uma origem comum. Deus criou o mundo, os primitivos habitantes da terra sabiam disso e, a despeito de tudo que ocorreu nos dias primitivos, esta história não se perdeu.

QUEM FORAM OS HOMENS DAS CAVERNAS?

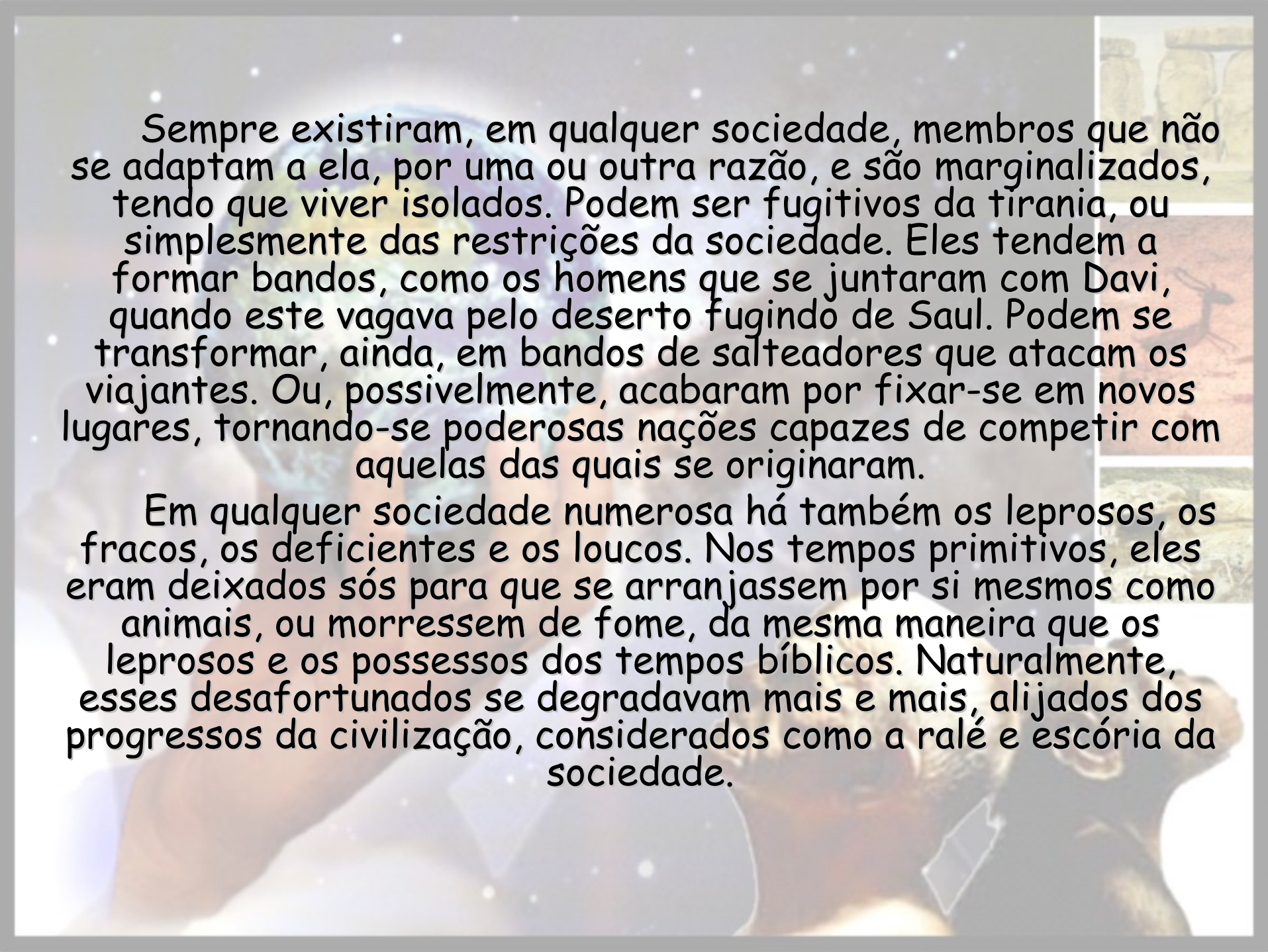
Quem foram essas pessoas?

De onde vieram?

Seriam elas, como nos é ensinado, os ancestrais de nossa raça?

Foram elas lentamente emergindo da escuridão bestial para se tornarem as iluminadas nações atuais?

Faremos uma abordagem, baseada na análise de Harry J. Baerg, onde o referido autor faz um relato na perspectiva criacionista da vida das comunidades primitivas.



Sempre existiram, em qualquer sociedade, membros que não se adaptam a ela, por uma ou outra razão, e são marginalizados, tendo que viver isolados. Podem ser fugitivos da tirania, ou simplesmente das restrições da sociedade. Eles tendem a formar bandos, como os homens que se juntaram com Davi, quando este vagava pelo deserto fugindo de Saul. Podem se transformar, ainda, em bandos de salteadores que atacam os viajantes. Ou, possivelmente, acabaram por fixar-se em novos lugares, tornando-se poderosas nações capazes de competir com aquelas das quais se originaram.

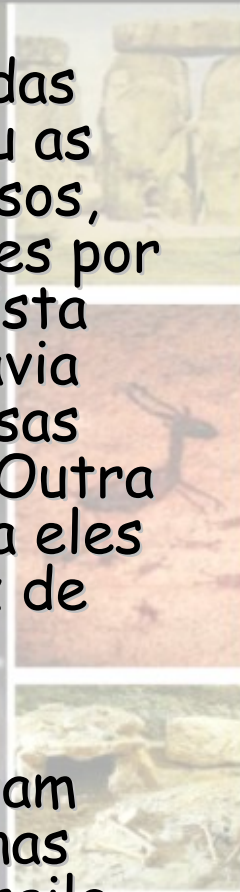
Em qualquer sociedade numerosa há também os leprosos, os fracos, os deficientes e os loucos. Nos tempos primitivos, eles eram deixados sós para que se arranjassem por si mesmos como animais, ou morressem de fome, da mesma maneira que os leprosos e os possessos dos tempos bíblicos. Naturalmente, esses desafortunados se degradavam mais e mais, alijados dos progressos da civilização, considerados como a ralé e escória da sociedade.

Por causa da competição com os mais capazes, esses renegados tinham que se contentar com os lugares mais impróprios para viver: florestas, montanhas e margens de rios. Por necessidade de proteção e auxílio nas caçadas, eles formavam pequenos grupos. Pescavam e caçavam para sobreviver, e habitavam rudes abrigos feitos de ramos, cobertos de peles ou de barro. Ao longo dos rios, eles encontravam abrigos em cavernas. Estas, por não estarem expostas às inclemências do tempo, preservaram melhor os vestígios de sua existência.

Seus covos de vime aprisionavam muitos peixes, por ocasião da desova, os quais depois de secos eram armazenados para consumo nos meses de inverno. Somente as pessoas mais resistentes sobreviviam aos gélidos invernos, vestindo-se de peles, construindo abrigos ou se refugiando no interior das cavernas, durante a época de frio excessivo. O período de glaciação continental deve ter sido muito penoso para eles, e certamente muitos sucumbiram nessa ocasião. Acendiam fogueiras, pela fricção, ou com brasas preservadas de fogos acesos por raios ou por lava incandescente.

As habitações usuais de verão ficavam próximas das entradas das cavernas. Os lugares mais particulares ou as grandes câmaras eram reservadas para os ritos religiosos, onde ofereciam sacrifícios a seus deuses, suplicando a eles por sucesso nas caçadas ou a manutenção da fertilidade. Esta última os preocupava sobremaneira. Evidentemente havia muitos conflitos entre as tribos, e quanto mais populosas fossem, de mais pessoas podiam dispor para a proteção. Outra razão pela qual a fertilidade deveria ser importante para eles era que as doenças e os fortes invernos, com escassez de alimentos, podiam rapidamente dizimar uma tribo.

Os desenhos de animais nas cavernas também foram feitos, em parte, para mostrar seus atos de bravura nas caçadas. Os animais nas paredes foram pintados com argila colorida misturada com gorduras e também com cinzas e carvão obtidos da queima de pinho. Algumas vezes, usavam pedras agudas para riscar as paredes.



Dispomos de muitas evidências para afirmar que várias dessas pessoas eram canibais. Se comiam carne humana como parte de algum ritual místico ou como alimentação normal, não sabemos. É possível que isso fosse feito apenas em ocasiões de fome extrema. De maneira geral, tratavam seus mortos com respeito. Muitos foram sepultados nas cavernas. Nas tribos que viviam nas planícies também estavam presentes sepulturas. Onde agora é a Polônia, foram encontradas sepulturas em que os mortos foram deitados com suas lanças ao lado, e cobertos com terra vermelha. Estes povos pareciam crer numa vida após a morte, pois supriam seus mortos com o que julgavam que eles iriam necessitar. Em determinada caverna, um chefe foi encontrado em uma câmara mortuária juntamente com suas esposas, servos, cavalos e vacas. Ele deveria necessitar de tudo isso em sua jornada após a morte - pensavam eles.

Como não existem cavernas em todos os lugares, as tribos que viviam em planícies tinham que construir suas cabanas de troncos e ramos, amarrados com juncos e rebocadas com barro, como se faz ainda hoje em lugares mais atrasados. Aqueles que tinham vida nômade faziam barracas mais frágeis, com varas e peles, as quais podiam ser transportadas de um lugar para outro, conforme as necessidades. Alguns, mais estabilizados e com nível cultural mais elevado, construíram habitações mais permanentes, cultivaram a terra e domesticaram animais. Os povoados que cresceram em tamanho chegaram a desenvolver formas mais complexas de governo.

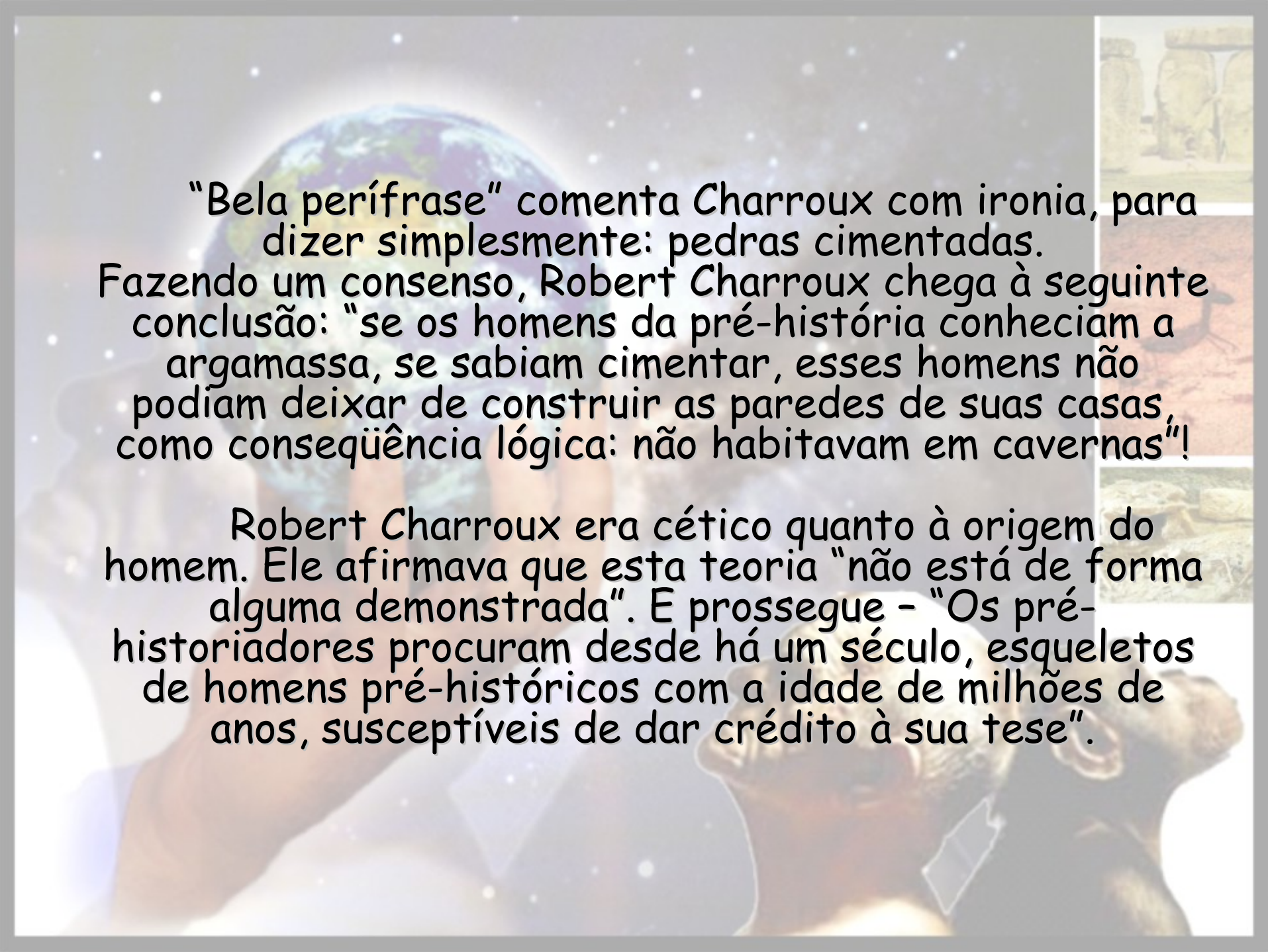
AS INCETEZAS DA PRÉ-HISTÓRIA

Visão de Robert Charroux

"Não existiu homo sapiens - o homem sábio - depois do antepassado pré-histórico de Neanderthal ou de Cromagnon, que apenas conhecia o sílex: eis o que nos diz a ciência clássica".

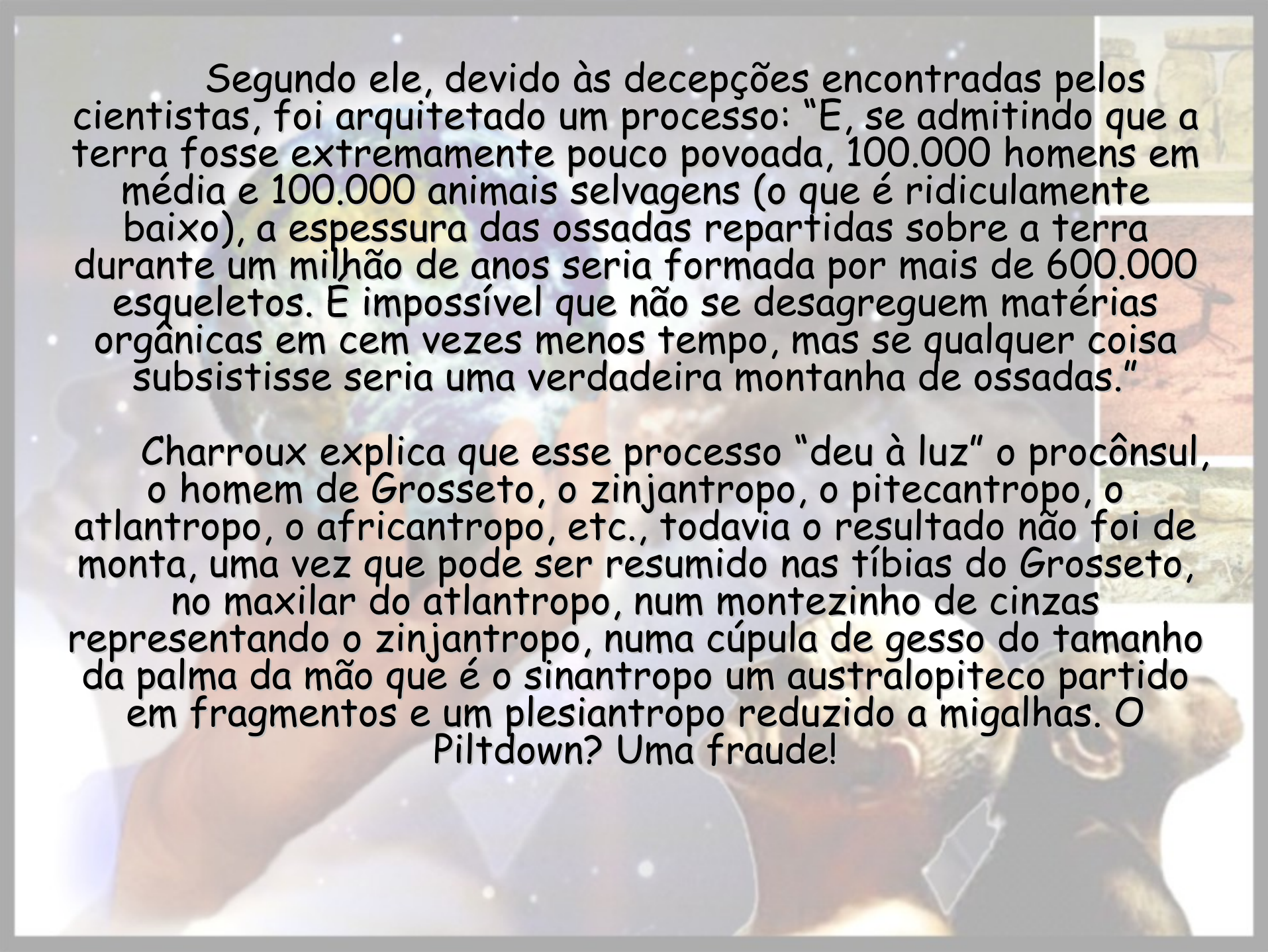
Robert Charroux foi arqueólogo, mas a sua busca estendeu-se além das fronteiras da sua profissão. Charroux explorou não só "sítios" arqueológicos em várias partes do planeta, mas também a história e a atividade dos homens longedos caminhos explorados pela ciência ortodoxa. Devido a esta curiosidade de querer ver com os seus próprios olhos e não olhar com o olho alheio, segundo os seus biógrafos, Charroux é muitas vezes desprezado pelos seus colegas e os seus trabalhos e sacrifícios foram praticamente jogados afora.

No livro "Les Hommes de la Pierre Ancienne", duas autoridades, o padre Breuil e o professor Lautier, escrevem textualmente: - "As civilizações pré-históricas conheceram igualmente o forno de cozer: forno de pedras secas do Drachenhock, circular, forno de Noailles (Corrège) de superfície retangular, feito de pedras sobrepostas, ligeiramente inclinadas para o interior e cujos espaços vazios entre os ângulos foram preenchidos com pedras menores mantidas por uma mistura de argila, calcário e areia".



"Bela perífrase" comenta Charroux com ironia, para dizer simplesmente: pedras cimentadas. Fazendo um consenso, Robert Charroux chega à seguinte conclusão: "se os homens da pré-história conheciam a argamassa, se sabiam cimentar, esses homens não podiam deixar de construir as paredes de suas casas, como consequência lógica: não habitavam em cavernas"!

Robert Charroux era cético quanto à origem do homem. Ele afirmava que esta teoria "não está de forma alguma demonstrada". E prossegue - "Os pré-historiadores procuram desde há um século, esqueletos de homens pré-históricos com a idade de milhões de anos, susceptíveis de dar crédito à sua tese".



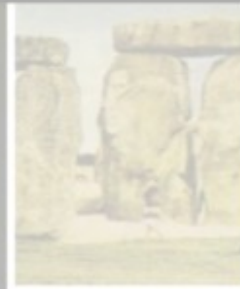
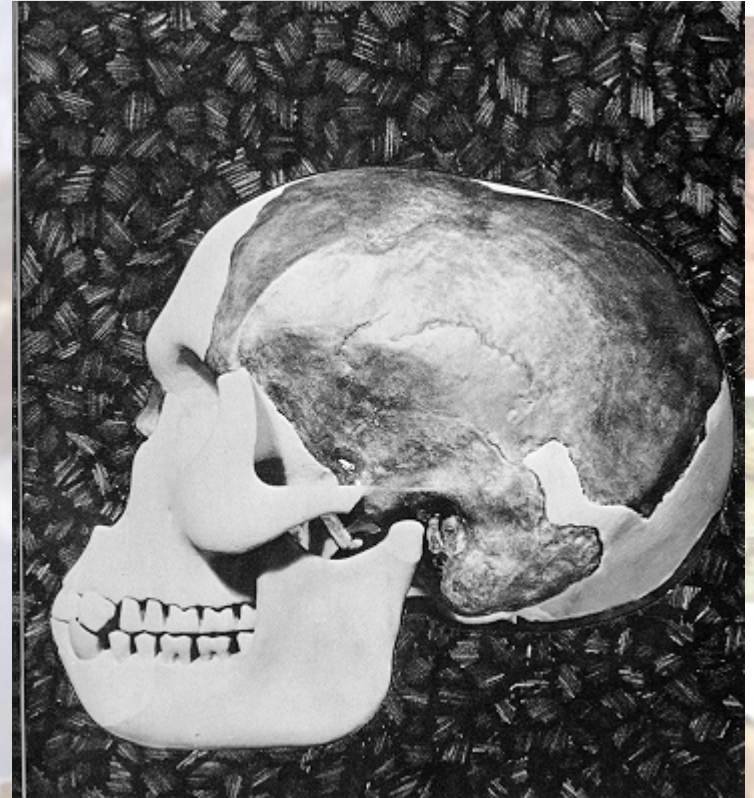
Segundo ele, devido às decepções encontradas pelos cientistas, foi arquitetado um processo: "E, se admitindo que a terra fosse extremamente pouco povoada, 100.000 homens em média e 100.000 animais selvagens (o que é ridiculamente baixo), a espessura das ossadas repartidas sobre a terra durante um milhão de anos seria formada por mais de 600.000 esqueletos. É impossível que não se desagreguem matérias orgânicas em cem vezes menos tempo, mas se qualquer coisa subsistisse seria uma verdadeira montanha de ossadas."

Charroux explica que esse processo "deu à luz" o procônsul, o homem de Grosseto, o zinjantropo, o pitecantropo, o atlantropo, o africanthropo, etc., todavia o resultado não foi de monta, uma vez que pode ser resumido nas tíbias do Grosseto, no maxilar do atlantropo, num montezinho de cinzas representando o zinjantropo, numa cúpula de gesso do tamanho da palma da mão que é o sinantropo um australopiteco partido em fragmentos e um plesiantropo reduzido a migalhas. O Piltdown? Uma fraude!

Em "Lês Hommes de la Pierre Ancienne" de H. Breuil e R. Lautier, à página 150 lê-se: "Os restos humanos europeus mais antigos são infinitamente mais raros, Apenas três podem ser conservados". O crânio de Piltown era um desses três, mas foi, na realidade, apenas uma brincadeira de estudantes.

Robert Charroux, o arqueólogo cético, faz uma pergunta muito séria: "Como é possível apenas com uma mão cheia de ossadas, das quais uma é em gesso e as outras falsas ou contestadas, pretender edificar uma ciência exata"?

O arqueólogo parecia estar desgostoso com a sua profissão e até um pouco decepcionado com ela. Neste monólogo sobre a arqueologia, Charroux refuta "essa ciência que só se baseia em hipóteses discutíveis".



Não se pode confiar no carbono-14 para numerar a antiguidade de ossadas ou de matérias orgânicas é um outro dado que Charroux fornece (ano de 1963) e a sua opinião é a de que se torna insustentável que esta técnica possa fornecer quaisquer indicações cronológicas em relação à pré-história. Ele fornece dados sobre as margens de erros: o erro cíclico do carbono-14 vai de 50% até 5568 anos, 80% de 5.000 a 10.000 anos. O carbono pode indicar 15.000 ou 50.000 à escolha ou ao gosto do pesquisador. A sua eficácia é discutível, se fosse real poder-se-ia calcular com exatidão as pinturas rupestres da gruta de Lascaux e ali havia também ossadas. O chefe do laboratório do Museu das Antiguidades Nacionais, francês, Jean Marichal, esclarece um ponto importante: a quantidade de matéria necessária para uma peritagem - dentes - marfim - ossos + 2,200 kg.

Nesta contingência um reparo do arqueólogo: os pedaços de crânio encontrados tiveram a sua idade determinada a partir de fragmentos com apenas algumas gramas, todo o achado não excedeu, geralmente, 300 gramas! Outro erro: as avaliações são feitas sem o julgamento de uma quantidade de imponderáveis do tipo: condições climáticas de um local do qual se ignora tudo.

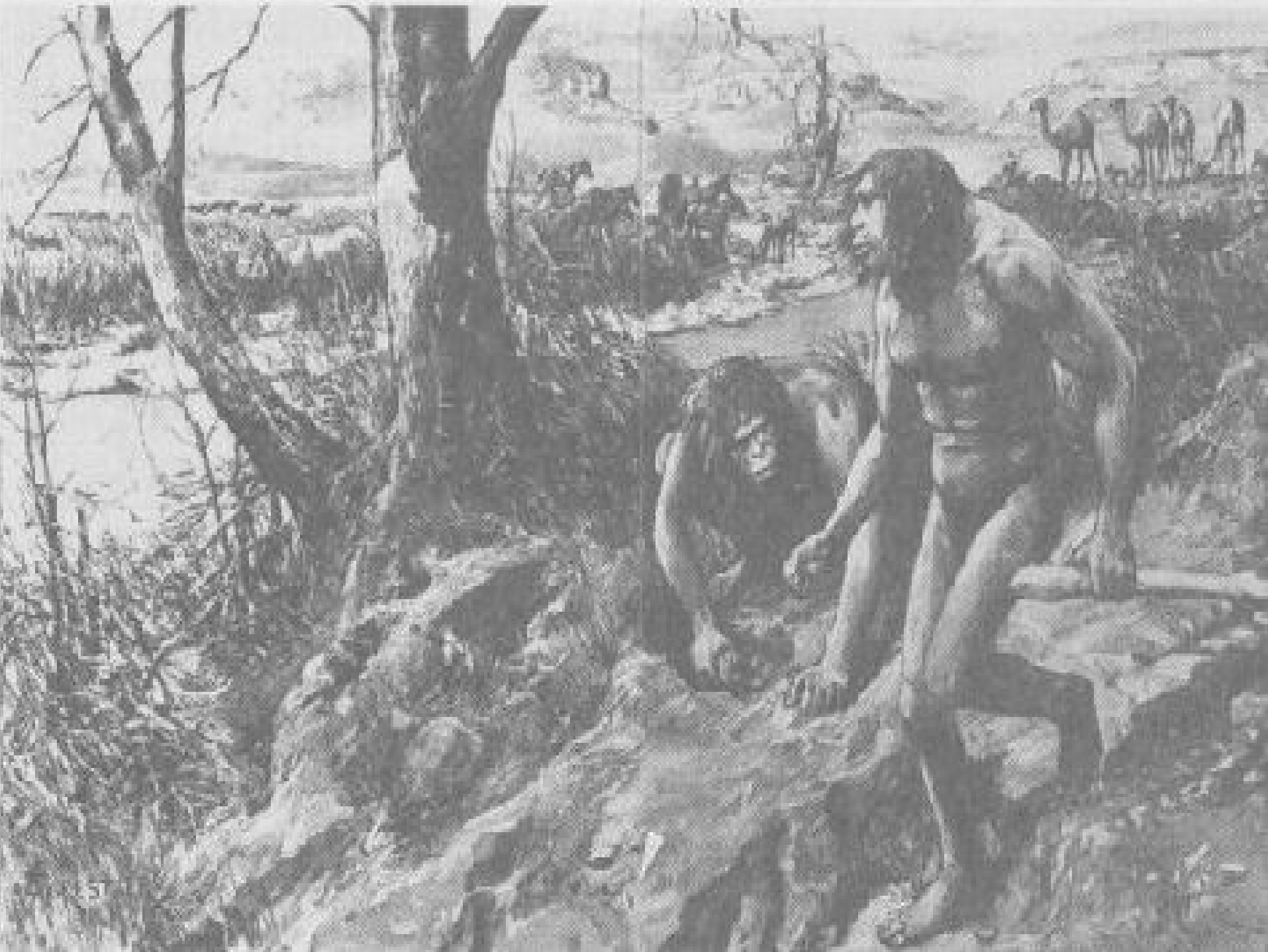
O esforço feito para a indicação de uma data fixa para o surgimento do homem sobre a terra é um esforço hercúleo e mal recompensado devido à complicação de certos fatores, Por exemplo: as avaliações oscilam entre 50.000 anos (para o Neanderthal e o Aurinhacense) e 10.000 anos.

Com um maxilar laminado como uma chapa de ferro (de uma criança de 5 a 7 anos, por suposto) incrustado no carvão, fez-se a descoberta do homem mais velho do mundo. Seu descobridor foi o professor Johannes Hurzeler, do Museu de História Natural de Bâle. Um homem do terciário, mas o professor Hurzeler nega Darwin e o evolucionismo com veemência - "Não existe uma possibilidade em mil de o homem descender do macaco"!

Vejamos a pré-história clássica: um convite que nos faz Robert Charroux. O arqueólogo relata que a pré-história é imaginativa, supõe que os esqueletos de indivíduos que, aparentemente, foram habitantes degenerados das cavernas, seriam iguais aqueles que hoje habitam as nossas favelas e os locais mais inimagináveis deste planeta, inclusive ... as cavernas... na miserabilidade da sua pobreza.



Descoberto em 1859 na cidade de Neanderthal, Alemanha, este suposto ancestral do homem na cadeia evolutiva não passa de um homem comum. Possuía uma capacidade craniana maior que o homem atual. A média é 1.500 cc e o Neanderthal possuía 2.000 cc. Mas isso prova o quê? Há variações de volume e de formato entre as diversas raças que estão dentro da mesma espécie humana! O homem de Neanderthal tinha uma doença nos ossos chamada de osteoartritis, causada pela deficiência de vitamina D na sua alimentação. Ele era igual a qualquer um de nós!



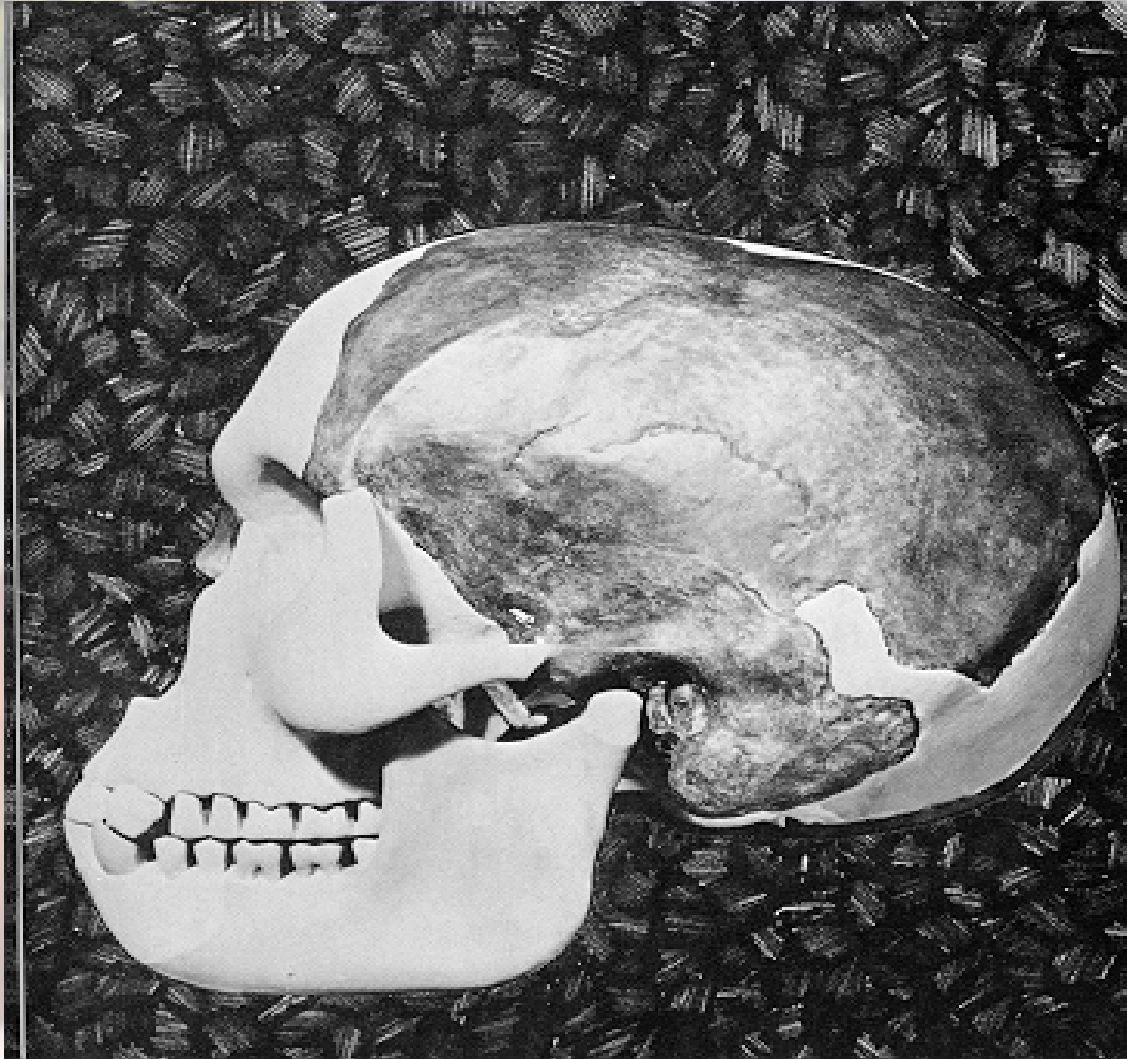
Foram julgados de acordo com os objetos encontrados junto a eles. Aventa-se uma hipótese: daqui a 1.000.000 anos (admitindo-se uma catástrofe no planeta) o homem do futuro jamais encontrará o esqueleto de Einstein, Rodin, Renoir, Fermi e Picasso, estarão dissolvidos em cinzas juntamente com os seus caixões.

O homem do futuro, talvez, um arqueólogo, indo pesquisar uma caverna do Poitou, de Indre-et-Loire ou da Provença, exumará o esqueleto de um mendigo ou de um bêbado tipo antigo troglodita (existem milhares na França, pontua Charroux) que tivesse morrido na sua caverna-habitação. Este esqueleto estaria em ótimo estado de conservação no calcário seco e resistira á passagem dos tempos. Então o que aconteceria?

Nada mais, nada menos que o seguinte: os pré-historiadores do ano 1001 963 deduziriam, gravemente e em coro: "o homem do século 20 depois de Cristo media 1,60 m. Era corcunda, tinha pernas tortas, era escrofuloso. O seu volume craniano era de 1500 cm³ e o seu intelecto ligeiramente mais evoluído do que o de um gorila. A sua civilização permitiria o conhecimento do cântaro de barro. Tinha como abrigo pedras sobrepostas e não conhecia nem a habitação nem, por conseguinte, a porta, a janela, a chaminé"!

Homem de Piltdown: Reconstituição do "elo" perdido:

Fraude vergonhosa de uma ciência falsa que, como hoje, é manipulada por inescrupulosos evolucionistas. De modo arrogante eles povoam as faculdades e universidades, arrebanhando milhares de adeptos que pensam que a seita evolucionista é um fato comprovado.



Vista frontal do crânio do Homem de Piltdown: Note que a parte branca é reconstituição artística. Os ossos (cor escura) foram fraudados. É... cientista também mente!

